



Mediação permeada pela Transdisciplinaridade

Maria F. de Mello

Pesquisadora do CETRANS da Escola do Futuro da USP

Por ocasião da Mesa Redonda sobre os "Novos Paradigmas da Mediação" com a participação da Dra. Dora Fired Schnitman (Fundación Interfas-Buenos Ayres), Vania Curis Yazbek (Instituto Familia), Prof. Edmir Garcez (Inama), Dra. Ivani Fazenda (PUC), Prof. Jaci Leite (FGV).
São Paulo, 31 de agosto de 1999
Paul Robin - A educação integral

Esta mesa redonda é uma grande oportunidade para fazermos uma reflexão sobre a Mediação, nos revisitarmos e ampliarmos nossa compreensão.

Se falamos de Mediação, falamos de tensão, fratura, quebra da superfície de tranquilidade, quebra da integração, da integridade, da unidade. Se Mediação, enquanto resolução de conflito, nos remete à idéia de movimento, de mudança, de liberdade, de transformação podemos imediatamente relacionar Mediação e Transdisciplinaridade.

Conflito, na visão transdisciplinar pode ser resolvido enquanto significado, ou enquanto sentido, ou enquanto significado e sentido. Nesta apresentação, uso a palavra "significado" no que diz respeito a respostas às questões: "o que?" e "porque?"; e sentido, no que diz respeito à respostas às questões: "em nome do que?, em nome de quem?" e "para que?". No cerne na transdisciplinaridade, expresso pelo sufixo trans, pulsa o que está entre, através e além do que observamos, pensamos, criamos, sabemos e fazemos. O sufixo trans nos remete para os três pilares da transdisciplinaridade: a complexidade, a lógica do terceiro incluído e os níveis de Realidade. Passarei a fazer algumas considerações sobre Mediação e os três pilares da transdisciplinaridade.

Ao refletirmos sobre Mediação e complexidade temos de reconhecer que o imenso trabalho desenvolvido pelos pesquisadores em Mediação possibilitou que o Pensamento Complexo se tornasse parte integrante da reflexão e da práxis da resolução de conflitos. A Mediação permeada pelo olhar da complexidade, ganhou muito em qualidade, em efetividade e em afetividade.

Porque para o pensamento complexo por mais que compreendamos as partes de um sistema complexo não estamos habilitados a compreender as propriedades do todo que o caracteriza. Existem interações complexas que não podem ser resolvidas ou explicitadas por equações lineares, ou seja, relações diretas causa-efeito. Apesar de não existir uma epistemologia da complexidade, existe indicações de como se aproximar dos sistemas complexos, e na Mediação essas indicações tem sido implementadas com sucesso.

Mediação permeada pela Transdisciplinaridade enquanto complexidade, vê o conflito na sua rede de formas intrincadas e em seus diferentes níveis de organização. Nesse âmbito, a vida é preservada por seu próprio vitalismo, pela sua capacidade de se auto-organizar, pelas leis, pelos direitos humanos. Assim a resolução é negociada e podem ser encontrados padrões de muito maior coerência. O sistema se reorganiza ou um novo sistema pode surgir. Essa nova organização ou novo sistema, que surge pela resolução do conflito,

resulta mais justa para as condições vigentes. Aqui a resolução significa alívio, alegria, reorganização, uma nova expressão, a seleção de um novo texto ou de um novo contexto. Uma nova ordem e uma nova situação de direito são estabelecidas. Esse nível de resolução de conflito é da maior importância para a Mediação permeada pela Transdisciplinaridade, porém pergunto: Ele se propõe a formar e a transformar o sujeito? O eu e o mundo do outro, ainda que em relação, deixam de estar dicotomizados?

Essas perguntas nos remetem para os dois outros pilares da transdisciplinaridade: a lógica do terceiro incluído e os níveis de Realidade, onde cada nível é regido por leis diferentes. No entanto, a passagem de um nível para outro implica em rupturas epistemológicas.

Mas o que são essas rupturas epistemológicas? Enfocando especificamente o pensamento ocidental, registramos 2 rupturas fundamentais: a primeira se delineou no século XIII. Até então o homem era considerado como sendo formado por três elementos: corpo, alma e espírito. Mas durante o período que vai do século XIII ao XVII, com o nascimento e florescimento do humanismo, elimina-se progressivamente o elemento mediador, a alma, e pensa-se o homem como composto apenas de corpo e de espírito. À medida que foi sendo descartado o elemento mediador, a alma, ocorreu a 2ª ruptura, quando o diálogo corpo/espírito foi ficando impossível, processo esse marcante nos séculos XVII, XVIII, até que a partir do século XIX o homem passou a ser reduzido apenas à sua dimensão corporal. Surge assim o homem máquina, e decorreram daí os grandes benefícios e os grandes malefícios do mundo moderno.

Como parte deste percurso, o reducionismo levou o homem a conhecer mais e mais de menos e menos, inclusive de si mesmo, e novos conflitos emergiram. No âmago do conflito, nós, seres humanos sedentos e errantes, temos o desejo permanente, estejamos ou não conscientes dele, de desvendar o sentido do sufixo trans enquanto através e além. Esse desejo nos impulsiona na busca de limites constitutivos que nos confirmam uma liberdade, para que possamos nos tornar mais genuinamente humanos.

Longe de ser a Transdisciplinaridade a única via de revisão desse cenário reducionista, basta lembrar o surgimento da física quântica, na primeira metade do século. Através de nomes como Plank, Niels Bohr, Einstein, Heisenberg, Schrödinger e tantos outros, novas vias de apreender a dialogar com a realidade começam a surgir e se a visão da realidade muda, o mundo muda e o conflito muda.

Mediação permeada pela Transdisciplinaridade enquanto lógica do terceiro incluído e níveis de Realidade remete à idéia do mediador como um transmissor de sensação, de sentimento, de direção, e de sentido.

Mas como se configura essa nova lógica? Diferindo da lógica do terceiro excluído, ela remete ao surgimento de uma zona de desapego, de confiança e de respeito, pois que se apoia na noção de sistema aberto, no qual um par de opostos, A e não A, regido por um dado grupo de leis, e no qual cada elemento do par exclui o outro, pode encontrar um terceiro termo T, regido por outro conjunto de leis, onde a polaridade A, não-A é resolvida. Esse estado T gera um novo par de opostos que, por sua vez, vai se resolver em um novo estado T, e assim sucessivamente. O termo T integra os opostos, e, nesse sentido, amplia o campo cognitivo e a consciência. Numa outra perspectiva, especular à que acabamos de descrever, o um gera o dois, que gera todas as possibilidades.

Mediação permeada pela Transdisciplinaridade enquanto a lógica do terceiro incluído vê o conflito em termos de sentido mais do que em termos de significado, isto é explora o termos trans enquanto direção. Se na resolução de conflito acrescentamos uma mudança da maneira de olhar o mundo, não estamos apenas tratando o conflito mas curando a situação de conflito. Aqui a resolução remete à noção de felicidade, de incorporação e vivência de novos valores, de uma nova ética. Nesse sentido, o mundo individual deve ser transformado, formado no sentido de trans, enquanto compreensão do que está através, do que atravessa. Nessa dimensão, o eu e o outro, não estão dicotomizados, mas compartilham de uma integração.

Aqui são valorizadas as igualdades. Aqui a Mediação, enquanto visão transdisciplinar, na situação de conflito, encontra coerência e autenticidade, os sujeitos são transformados. Resolução de conflito permeada por essa meta é um desafio muito maior, pois implica na mudança de nível de percepção do sujeito, da sua capacidade cognitiva e de seu nível de consciência. Portanto, um número bem menor de conflitos é resolvido dentro desta visão.

E quanto a Mediação e níveis de Realidade? Poderíamos iniciar por responder o que entendemos por nível de Realidade. "Eu entendo por realidade, em primeiro lugar, aquilo que resiste às nossas experiências, representações, descrições ou formalizações matemáticas" ... "Deve-se entender por nível de Realidade um conjunto de sistemas invariantes sob a ação de um número de leis gerais:..." (Nicolescu, 1999, p.24-25).

Para fins didáticos, podemos dividir o espectro em 4 diferentes níveis de Realidade. Poderíamos também fazê-lo em 3, 5, 7, 10, 11, 12, 22, etc. Dependendo do grau de especificidade que quiséssemos atingir, poderíamos visitar e revisitar esses níveis, redefinindo suas especificidades. Os níveis de percepção remetem a uma profunda diferenciação de como a Realidade é tratada.

A maravilhosa capacidade de percepção dos nossos cinco sentidos, prolongada por instrumentos, nos permitindo acesso seja ao mudo do infinitamente pequeno, seja do mundo infinitamente grande, pertence ao nível de Realidade 1.

O aparato perceptual das representações, formulações, pensamentos, raciocínios e emoções nos permite transitar pelo nível de Realidade 2.

Esse maravilhoso aparato de percepção dos níveis 1 e 2 polariza, e ao mesmo tempo classifica, descreve, estrutura, define, encontra as funcionalidades, descreve sistemas, exclui, radicaliza, gera memórias existências, condicionamentos, cria as disciplinas, os partidos, as ideologias, etc.

Através da intuição, do sentimento, do imaginário e do intelecto entramos no mundo dos símbolos, dos mitos, da poesia, e assim transitamos no nível de Realidade 3. O maravilhoso aparato de percepção 3 nos permite espelhar o inefável, articular memórias principais e compreender o mundo metafísico.

Contemplarmos o mundo das essências ou das idéias primordiais, vivermos a experiência dos universais nos remete ao nível de Realidade 4. Aqui valorizamos o princípio. Aqui a resolução de conflito remete à idéia do Bem, do Belo e do Verdadeiro, ao nosso significado existencial, que acessamos pela nossa continua capacidade de duvidar e buscar, pelo sentimento de falta e pelo nosso infundável desejo de Ser no mundo. No trajeto do desejo de prazer, de felicidade, de alegria não seria ele o desejo de bem-aventurança e de paz? No trajeto do quero ter, quero conhecer, quero saber, não seria ele o sentimento de quero Ser, quero Doar? No trajeto da paixão, da emoção, do sentimento, não seria ele a vontade de AMAR, com letras maiúsculas?

Fazemos e co-construímos para conhecermos e acessarmos os níveis 1 e 2. Criamos, e pela intuição e pela inspiração acessamos os níveis 3 e 4, e assim emerge a relação entre níveis de percepção e níveis de Realidade. Existe descontinuidade entre os níveis de percepção e níveis de Realidade.

Mediação permeada pela Transdisciplinaridade enquanto níveis de Realidade, implica que além da resolução do conflito, o sujeito do conflito possa percorrer o eixo da complexidade, do terceiro incluído, encontre sua coerência e autenticidade, e venha a emergir como eco relação e eco formação, eco enquanto o meio ambiente; como hétero relação e hétero formação, hétero enquanto o outro, ou os outros; e também como auto relação e auto formação, auto enquanto si mesmo. Em outras palavras: além de uma co-construção que gera um novo sistema, devem emergir diferentes níveis de realidade e a consciência da consciência, do trans enquanto transcendência, ou seja: o ser e o fazer em liberdade.

Nessa articulação multidiferencial entre os diferentes níveis de percepção (o sujeito da Transdisciplinaridade), e nessa articulação multidimensional, entre os diferentes níveis de realidade (o objeto da Transdisciplinaridade) pulsa a Transdisciplinaridade e o ser transdisciplinar. Digo ser simultaneamente enquanto verbo e substantivo.

E para finalizar, quero deixar algumas questões sobre Mediação permeada pela Transdisciplinaridade no que concerne a formação de mediadores e a resolução de conflitos:

Como introduzir a noção de níveis de Realidade em Mediação?

O que significa resolver o conflito em um único nível de Realidade ou em vários níveis de Realidade?

Em que diferem a dialógica e a lógica do terceiro incluído numa situação de resolução de conflito?

Como trazer para a prática da mediação a diferença entre Direitos Humanos e Valores Humanos?

Um olhar transdisciplinar do mediador modificaria a resolução do conflito?

Mediação permeada pela Transdisciplinaridade é um campo fértil de pesquisa. Mediação permeada pela Transdisciplinaridade pede por uma reflexão paciente e por uma ação rápida. Pois como disse Basarab Nicolescu no seu livro "O Manifesto da Transdisciplinaridade": Amanhã será tarde demais.